

Papéis Velhos

Biografia

UMA PALAVRA

"Papéis Velhos" é um trabalho de pesquisa com o qual o "Projeto Livro Livre" busca facilitar - tematicamente - o acesso a obras digitais disponíveis na Rede Mundial de Computadores, todas elas em Domínio Público e oriundas dos grandes acervos em idioma português, tais como: Domínio Público, Google Books, Biblioteca Brasileira da USP, Biblioteca Digital de Literaturas de Língua Portuguesa, Biblioteca Digital da Unicamp, Biblioteca Digital Nacional, Biblioteca Pública Benedito Leite, Biblioteca Nacional de Portugal, Internet Archive Projects, Arquivo Público do Estado de São Paulo, entre muitos outros.

Todos os livros aqui reunidos buscam preservar a integridade e a autenticidade da fonte, o que inclui a manutenção da ortografia original conforme processo de digitalização dos respectivos acervos.

Para um melhor aproveitamento do conteúdo digital, muitas dessas serão adequadas ao padrão ortográfico atual, mediante um modelo gráfico que torne a leitura mais fluida e proveitosa.

A todos, boa leitura!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Joaquim Nabuco

Ha uns quatorze annos escrevi sôbre elle, a proposito da publicação da biographia do pae, um artigo superficial e leve como devem ser os elogios em vida, traçado com essa facilidade quasi familiar de quem trabalha do natural, fazendo um estudo provisorio, a conversar deante do modêlo. Disseram-me que o esbôço lhe agradou, sem duvida pela intenção, que era de pura admiração affectuosa. O mal foi que eu não tivesse aproveitado o momento para completar-lhe o retrato prestigioso. Agora a responsabilidade é maior. A figura moral não cresceu nem mudou desde então ; affirmou-se apenas em acções novas e manteve a sua attitude de belleza, com a graça e o garbo de uma estatua viva. Somente, a vida com todas as suas contingencias e precariedades, a vida cheia de possibilidades de mudança e de receios de contradicção, de expectativas de revelação de aspectos novos de uma alma, a vida depreciativa e niveladora, democratica, porque nos equipara e acamarada a todos no lamentoso desmoronar dos sonhos da ambição de cada um, a vida que nos uniformiza os

gestos de soffrimento ou de alegria, reduzindo-os para a intelligencia commum á pobre singeleza interjectiva, quasi animal, a vida veladora das perfeições e das grandezas abandonou-o agora. E logo, roto esse laço de união comnosco, afastando-se na morte, como elle avultou no limiar da Historia, aonde irão d'ora em diante buscá-lo os nossos olhos, de baixo e de muito longe, em contemplação religiosa!

A responsabilidade de falar delle agora é maior, por causa dos enganos e incertezas na apreciação de uma tarefa definitivamente concluida. O definitivo da morte é sem duvida o que ella tem de mais odioso. Se por ella escapa um homem á nossa influencia! Já não podemos nada sôbre os mortos, senão ser injustos para com a sua memoria. A injustiça de que soffre um vivo é reparavel, e até, ás vezes, elle a perdôa. A offensa ao que se ausentou de nós na viagem eterna é mais grave e chega a ser sacrilega, echoando como uma profanidade no silencio solenne dos sepulcros. Talvez dahi venha a instinctiva reverencia corrente, o respeito generalizado á memoria dos mortos, que é outra forma de injustiça, simplista e relaxada, igualitaria.

Mas julgar em consciencia, á luz de que criterio? se em absoluto, com que segurança? e se relativamente, por que medida ou modêlo? Segundo o resultado do esforço, comparando-o com a tenção manifestada nos programmas e projectos, dirão os doutrinarios. Quão precario seria ainda o julgamento de uma actividade intelligente que infinitos elementos estranhos podem modificar, favorecer ou prejudicar!

O que nós sabemos dos desvios de roteiros ao sabor dos ventos imprevisos basta para que não attribuamos todo o exito de uma jornada á só pericia do seu capitão. E, então, diante da insegura necessidade de discriminar merecimentos, só nos resta o partido de considerar o homem independente dos seus feitos, pelo que delle confiavamos, na sabedoria do nosso coração.

Tratando de Joaquim Nabuco, êste parece dever ser o procedimento, pois que, com ser grande a obra que deixou, maior nos promettera o seu poder. Ou seria elle proprio a obra bella, de figuração da nobreza no viver, e o resto, em que mesquinamente o buscamos, são apenas gestos de expressão escassa da sua alma magnifica. Não haveria no insistente appello da nossa attenção para a sua pessoa pensante alguma coisa mais do que a simples complacencia em mostrar-se melhor e mais bello do que os outros?

Eu penso que havia, e que era instinctiva — não de vaidade, porque a vaidade se compraz em comparações mesquinhas, em que nunca o surprenderam — era natural e espontanea nelle essa preocupação de mostrar-se illuminado da claridade divina, como os poetas e os santos, que creem na Verdade. Poetas e Santos julgam-se reflectores da belleza e da verdade; e que muito é que, mirando-a embevecidos, a si proprios mirem! Somente o scepticismo sincero é humilde e inconsistente. Os homens de pensamento, defensores das leis e dos principios, tiram delles prosapia. Ha sempre orgulho, jactancia natural e consequente, em representar uma grandeza, em ser o porta-palavra de uma dominação. E' a theoria da etiqueta diplomatica, em que cada um se despersonaliza para representar um poder que não sóffre humilhação. Ora, que potencia ha mais forte e respeitavel que as dominações moraes?

Embaixador da Verdade! muitos, que se attribuiram essa missão e, della compenetrados, reclamaram credito e privilegio para falar em tal qualidade, chegaram naturalmente á santidade ou á loucura, porque o Mundo não acceita credenciaes de soberanos indefinidos e de dominios vagos. Não se faz estatistica de apóstolos, mas é provavel que o numero delles não tenha diminuido desde a era remota em que o contraste entre as aspirações moraes do homem e as realidades da vida social suscitou o primeiro opposicionista e reformador. Ou porque o Mundo seja hoje peor e melhor ao mesmo tempo, isto é, porque continúa a crescer o Mal ao lado do Bem e é mais encarnçada a lucta symbolica entre elles, lucta que é de pura relação e tão necessaria como o movimento á Vida, ou porque seja mais viva e fina a nossa sensibilidade, a imaginação moralista suggere agora aos pensadores planos infinitos de reconstrucção da sociedade sôbre bases diferentes, com elementos de acquisição difficil e de conservação apenas theorica. A mecanica social dos moralistas reformadores rege-se por leis commodas, leis de sonho, que são as unicas instaveis, cambiantes, liberaes como a propria liberdade, sem peias de coherencia nem cogitação de interferencias de outras leis e á cuja formação só presidiu o desejo de que existam. Succede, ás vezes, que dêsse baralhar aventureiro de noções positivas, mas rebeldes a associações incongruentes, resulta alguma combinação interessante com visos de creação duradoura. Logo dahi se forma um systema doutrinario, com todos os

perigos da tyrannia das syntheses. E' por isso que o conservantismo defensivo das sociedades, o bom senso, como uma junta de hygiene moral, põe-nos em guarda contra os curadores sem diploma dessas enfermidades incuraveis que são a injustiça e a miseria humanas. Os autorizados são os que á sombra das profissões reconhecidas e praticas vão pelo mundo desattento e ignaro ensinando o Bem, propagando a Verdade. Os attendidos, os escutados, os applaudidos e seguidos são os que dão arrhas de ser dos nossos sendo como nós, são os que traduzem para lingua articulada e sonora, mas ainda corrente, accessivel, as idéas e aspirações confusas da nossa alma balbuciante e mesquinha, tão desejosa de illusão, que qualquer canção de promessa a acalenta e adormece na esperança do amanhã esquivo. Para entender os outros, diferentes de nós em sentimentos, e de expressão estranha, temos de nos alçar com um esforço nem sempre recompensado, a ouvir as palavras de presaga sabedoria que num sôpro de tempestade prophetica se escapam das suas bocas obscuras. Esses não são populares, por mais que ao povo se dirija o seu ensinamento. Mas não fala ao povo quem quer e somente quem elle quer ouvir.

Tendo morrido da morte feliz, em plena actividade, antes da decadencia, ao entrar na velhice, sem tempo para recapitular resultados, Joaquim Nabuco nunca sentiu talvez esse relativo insuccesso da sua empresa de propagandista social que o povo só applaudiu e acompanhou na campanha pela abolição da escravidão. A causa era sympathica, e facil de agitar-se o sentimento das massas em favor della e contra a guarda conservadora da Propriedade. Os grandes movimentos são sempre os de opposição : ha mais brilho heroico no aranco dos ataques que na resistencia das defesas. E depois o publico é sensivel á eloquencia tribunicia, que Nabuco tão bem possuía. Foi ella que tantas vezes lhe deu a embriaguez da gloria de tocar o coração das multidões excitadas, lisonjeadas pelo appello generoso ao seu poder, em nome do sentimento obscuro da justiça fundada na piedade humana.

Parece que disso lhe não ficou o vicio, a paixão vaidosa do applauso immediato, que a tantos escraviza. Logo que foi vencida a peleja abolicionista, elle adoptou outros meios de expressão sérena e recolhida, mais em harmonia com a sua consciencia de pensador honesto, com o gosto e refinamento do seu espirito aristocratico.

Porque dêsse commercio de espirito com as multidões impulsivas, simplistas e grosseiras resulta uma perda segura para o que as guia, obrigado, para fazer-se entender, a abaixar a afinação intellectual e a transigir com as proprias crenças para fazer-se amar. A influencia momentanea do orador sôbre o auditorio é retribuida, porém a reacção reciproca é mais duravel e perniciosa no tribuno profissional, que chega a convencer-se de que as multidões, essencialmente occasionaes e sem mais caracter do que um fluido inerte, têm um espirito definido e leis proprias, e que elle as conhece. Tanto valeria emprestar formas regulares e movimento rhythmico ao tropel vago e errante das nuvens pelo espaço.

Joaquim Nabuco não commetteu esse êrro, não soffreu dêsse engano. Depressa viu que era accidental e passageiro o seu contacto com a alma collectiva e democratica. Não se afinaram, quasi posso afirmar que não se entenderam. Elle não se envergonhou mais tarde das luctas de partidos, dos comicios populares, das sessões agitadas na Camara, com as tiradas oratorias que lhe entumeciam o coração de orgulho, mas julgou-as « pertencendo á idade da cavallaria ». Em 1895, quando já se estava descartando do seu material de orador, essa roupagem e adereçagem theatral e vagamente charlatanesca, que encanta ás multidões e escandaliza aos criticos solitarios, ao tempo que formava o seu estylo de escriptor com pensamento, declarou-me, e era sincero como sempre, que em politica só tinha sido um amator. Protestei então, com igual sinceridade, que poucos profissionaes da politica poderiam como elle allegar tantos serviços nesse ramo e que a sua acção prolongada e multipla de dirigente da vida publica entre nós nunca fôra julgada de simples amator.

Mas hoje penso que assim foi realmente e que não somente na politica, mas tambem na diplomacia e nas letras, Nabuco não foi senão um amator, maior que muitos profissionaes, porque era magnificamente dotado, porém simples amator. Amador, porque não foi escravo de nenhuma profissão, e o verdadeiro profissional perde o caracter pessoal para ser, mais do que escravo, o órgão humilde e contente de uma funcção, identificado com ella, deformado por ella. E Nabuco nem sequer mostrou o espirito de submissão e disciplina que caracteriza aos que têm o orgulho do seu cargo ou officio.

Do que elle tinha orgulho era de ser homem. E se não era orgulho, que parece palavra mal notada, chamemo-lhe sentimento de integridade, consciencia do valor proprio e dos direitos e deveres a elle inherentes, chamemo-lhe hombridade, que exclue o duvidar de si ou renunciar de qualquer modo á menor manifestação da personalidade. Porque era assim, seria aventuroso dizer.

Basta que saibamos que ha gente que assim nasce, acreditando no seu destino, isto é, acreditando que o seu destino é dirigir o dos outros. Sem duvida porque um dia descobriram — ha tanta descoberta subjectiva! — que os seus olhos viam mais longe e mais claro que os dos outros, assentaram-se á beira do caminho e abriram um curso livre de visões da vida. A um homem com taes seguranças e certezas chamaremos de vidente, poeta ou pensador, mas nunca o diminuiremos, julgando-o pela profissão que incidentalmente exerce.

Joaquim Nabuco foi politico desde menino como um filho de soldado, criado entre armas, joga a espada e discorre sobre acções de guerra. A profissão paterna pareceu-lhe a mais nobre e tambem a mais efficaz, para por meio della emprehender-se a reforma social. Que esse observador precoce e sagaz das diferenças entre o que é e o que deve ser tomou logo nota das faltas e resolutamente metteu-se a repará-las.

Para doutrinar sôbre males sociaes e os seus remedios não ha melhor tribuna que a politica.

Mas uma coisa é occupar brilhantemente a tribuna e illustrar uma sessão de combate e outra é « votar bem », entrar gostosamente nas contribuições partidarias. Nabuco não approvava as combinações, pensava que se devia fazer jogo liso e honesto ; não era politico. Era desde o principio o mesmo homem que escrevia aos 50 annos : « ha épocas em que o associar-se ainda mesmo com outros melhores do que nós é trahir o ideal proprio que cada um tem em si », o mesmo que ao tomar serviço sob a Republica declarava que o não fazia para separar-se da Monarchia e sim dos monarchistas. Era independente e altivo demais para politico, apesar de achar que, « felizmente para a intelligencia que nasceu com essa diathese, a politica tem lados ainda indefinidos que confinam com a arte, a religião e a philosophia, isto é, para falar a linguagem hegeliana, com as três esferas em que se manifesta o espirito do mundo. Elle, tão consciente e sincero em

tudo, não percebia sem duvida que da politica menos lhe interessava a arte de governar, com os seus effeitos immediatos e concretos, do que o facto intrinseco de governar, produzir acontecimentos, fazer historia. Era na verdade um amator.

Em literatura não o foi menos. Nenhum dos seus livros é bem feito, se os julgamos segundo as regras correntes de composição e estylo, mas todos elles dão a impressão de que no autor o homem é superior ao escriptor, o espirito vale mais que a sua expressão. Ha nelles um personalismo intenso e dominador. Não parecem terminados, são como apenas interrompidos. Sente-se que por mais que deitasse nelles da sua alma generosa, ainda não tinha dito bastante quando acabava de escrever. Na sua autobiographia, por exemplo, que deveria ser o seu livro mais cuidado e que é antes uma serie de paginas de memorias, de notas e artigos apenas ordenados em tórno do mesmo assumpto, ha uma terminação precipitada, suspeita-se que muitos capitulos foram cruelmente podados, como se, depois de ter percorrido com tanto carinho sôbre a sua juventude sonhadora, viesse-lhe o pudor de mostrar-se immudado sob os cabellos brancos.

Ha uma certa faceirice poetica em falar na passagem dos annos, quando ella apenas se revela nas apparencias e o coração é o mesmo, impetuoso e ardente. Depois de no discurso da inauguração da Academia ter produzido a linda estrophe da declaração de velhice, que antes parece uma insinuação de quem viu primeiro e já sabe o que é a vida, escreveu elle nos seus *Pensamentos avulsos* que «somos moços emquanto sentimos a surpresa da vida». Ora, a vida para elle era sempre surprendente e palpitante de infinitos casos de interesse. E' preciso tê-lo visto seguir attentamente nos jornaes, nas revistas, nos livros e na conversação todo o desenvolvimento dos problemas humanos collectivos e individuaes, e, recebendo noticias, commentando anedotas, discutindo as questões, approvando, admirando, censurando, indignando-se ante os mil lances do drama secular, vibrar juvenilmente com a propria vibração da vida ambiente, para saber o que ia de frescura e enthusiasmo naquelle espirito privilegiado, cuja mocidade durou cincoenta annos. «Nascido em uma época de transição, dizia elle em 1897, prefiro em tudo, arte, politica, religião, ligar-me ao passado que ameaça ruina do que ao futuro que ainda não tem forma». Mas ajuntava logo: «E' apenas, como vêdes

uma preferencia : resta-me ainda muita sympathia pelas chimeras que disputam umas ás outras o toque da vida e muita curiosidade pelas invenções e revelações imminentes ». Assim, pois, ainda em velhice era amator. E elle sabia que eu tinha essa opinião, pois que ainda ha dois annos escrevia-me acima de algumas linhas borradas em uma carta : « Desculpe-me haver borrado esta carta, mas escrevi alguma coisa que o descontentaria, com a sua idéa de que eu devo ter a juventude eterna. Por isso hesito em mandar-lhe o meu ultimo retrato, tirado ha dias ».

Nabuco não escreveu os seus livros com mais cuidado do que as cartas: apenas *deitou-se* nelles com a mesma altiva, honesta e captivante sinceridade, sem vencer nenhuma difficuldade de expressão, porque as não buscava ou não via, sem seguir nenhum plano de composição, quando muito classificados os assumptos por ordem de importancia e expostos em sequencia deductiva ou chronologica. Os livros não lhe saíram menos prestigiosos por isso, ao contrario; mas não parecem feitos por um escriptor que se considerou votado ás letras, dominado pela preocupação dellas, sempre que uma attracção moral mais forte o não desviava do seu cultivo. O livro sobre o pae ganharia em ser reduzido da sua excessiva amplificação e condensada em illustração a massa enorme e confusa de informação politica alli contida.

Mas para isso o politico e o philosopho teriam de submeter-se ao escriptor, que lhes preparasse a apresentação do estudo bem desenhado nas suas grandes linhas. A falta de medida na apreciação dos incidentes ao lado dos factos capitaes, a discussão minuciosa re-tendo a attenção e fatigando-a, embaraçando a marcha expositiva do processo, a explicação, perdida para o leitor que não acompanhou a partida, das razões de uma jogada politica em vez de outra, teriam sido facilmente evitadas por um escriptor literario. Isso Nabuco não foi. Confessando sem humildade a sua insufficiencia como artista no verso, escreveu elle na *Minha formação* : « Acredito ter recebido como escriptor, tudo é relativo, um pouco de sentimento, um pouco de pensamento, um pouco de poesia, o que tudo junto pode dar em quem. não teve o verso uma certa medida de prosa rhythmica; mas da arte não recebi senão a aspiração por ella, a sensação do orgão incompleto e não formado, o pesar de que a natureza me esquecesse no seu

côro, o vacuo da inspiração que me falta... *Ustedes me entienden*. O artista, disse-o Novalis, deve querer e poder representar tudo. Dessa faculdade de *representar*, de crear a menor *representação* das coisas — quanto mais uma realidade mais alta que a realidade, como queria Goethe — fui inteiramente privado. Nem todos os que têm o dom do verso são por natureza artistas e nem todos os artistas têm o dom do verso ; a prosa os possui como a poesia ; a mim, porém, não coube em partilha nem o verso nem a arte ».

Tambem lhe não coube a prosa de escriptor, que é uma manifestação de arte talvez mais alta e rara, porque visa falar directamente á intelligencia e para isso dissimula o artificio respeitosamente. Salvo em paginas de meditação philosophica, em que o *rhythmo*, a compostura moral se impõe, o seu estylo é descuidado, desdenhoso da preparação e se resente principalmente da falta de respeito pela lingua em que é obrigado a escrever. A ambição de expressão, a necessidade de expansão, não o deixou contentar-se com o pouco embora seguro alcance que lhe offereciam os recursos da lingua natal. Allegou a primasia da influencia franceza sôbre o seu espirito, mas sem duvida nisso se enganou. Elle nunca poderia escrever como Renan, nem como Macaulay ou como Herculano, porque não punha na forma literaria o seu sentido, porque não esperava tudo do seu instrumento esthetico, não lhe tinha a gratidão e o apêgo de um bom soldado ao seu corcel de guerra. Não estimava a lingua, porque não trabalhara nella como artista e só se servira della como apostolo, para a propaganda da Verdade, e, para isto, como quando se viaja com um destino, basta fazer-se entender. E não só praticava como aconselhava esse desapêgo da nossa lingua murada pelo *alphabetismo luso-brasileiro*. Um dia me disse que, por estimar-me e esperar de mim, pensava que eu devia escrever em francês. E aconselhava affectuosamente : « Eu se fôsse o senhor varria da minha producção tudo o que o senhor chama *a vida*, as cortesans russas ou não, as tavernas, as *febres*, os aventureiros.

« O seu talento é muito grande, muito elevado, para não ganhar com a emancipação do chamado ambiente literario e artistico parisiense ou moderno. Para mim as melhores fontes do seu espirito ainda não estão (bem) captadas. O que não vale nada prende-o (pelos reflexos que o senhor vae espalhando de si mesmo por tudo com que entra

em contacto), de modo a sacrificar o que realmente tem valor moral. Quanta poesia e ternura d'alma o senhor gasta com as immundicies do mundo moral! A palavra *amante* ainda tem para o senhor um prestigio mysterioso. Eu quisera vê-lo elevar-se ao seu verdadeiro nivel, que colloco muito alto, deixar a *literatura pela literatura*, que é a causa de todo esse mal. Sacudir fora o feminismo, o mundanismo, o cosmopolitismo (no sentido de Bourget, de *Cosmopolis*, não no sentido humano, universal). Então eu o poria como um dos Evangelistas brasileiros na minha galeria. O senhor, o Graça, o Magalhães de Azeredo devem no seculo XX fazer literatura antiseptica». E' a linguagem de um coração puro e affectuoso, mas que da longa pratica das letras não chegara a concluir que ellas são um resultado e não um meio de acção. Bem vêem que o apóstolo vencía nelle o contemplador esthetic. Era todo acção e todo independencia — sempre foi o chefe de si mesmo — carinhoso mas *distante*, isolado na tarefa que a si mesmo impunha, sem admittir collaboradores, e com uma tão grande energia moral a sustentá-lo e a impellí-lo ávante que a melancolia de certas phrases suas era uma simples attitude sympathica. « Imagine que estou a escrever no fim da vida em inglês », diz-me uma carta sua, ha pouco mais de um anno. « Não posso prestar aqui maior serviço ao nosso país e á nossa lingua do que essa serie de discursos perante as Universidades ». E logo accrescentava, cuidadosamente sentimental: « Mas, perto dos sessenta annos, tendo já entrado nelles, quisera pensar no que me resta a fazer em nossa propria lingua e nas dividas que tenho que pagar a tantos que me mostraram amizade neste mundo ».

Da amizade que andou mostrando a tantos não falou nunca esse, como um coração verdadeiro, centro de circulação do sangue, concentrador e irradiador de affecto. Mas nos seus melhores livros as melhores paginas são as consagradas a esses de quem se julgava devedor e que lhe ficarão devendo a immortalidade.

Porque os livros pessoaes de Joaquim Nabuco, com todas as suas imperfeições e defeitos de composição, medida e estylo literario, são destinados á duração das grandes obras sinceras em que se espelha uma alma.

E que alma foi essa magnifica! Muitos puderam criticar-lhe os gestos, ninguém pôde deixar de admirá-la. Mentalmente cada um se revia no bello mancebo ardente, com a cabeça florida de ideaes, no

tribuno applaudido e brilhante homem publico, no diplomata imponente e acatado, como representação viva e perfeita de um sonho ambicioso de belleza, difficil de realizar-se sob tantas formas reunidas em um só homem. Houve quem o não julgasse idoneo para a função diplomatica por esse proprio excesso de superioridades phisicas e moraes sobre o nivel médio da nacionalidade representada, como uma palmeira isolada no meio de um matagal rasteiro. « Estamos enganando o estrangeiro sôbre a qualidade da nossa gente », dizia o gracioso pessimista.

Como todo o paradoxo, esse tinha um fundo de verdade : Nabuco possuia muitas qualidades essenciaes, que, se não desconhecidas no Brasil, não são ahí tão correntes que se possam chamar nacionaes. Uma dellas foi a confiança inabalavel nos destinos do país, da nação brasileira, que os erros dos homens não poderão desviar da rota marcada pelos fundadores. Tinha a fé nacional : toda a sua obra é por ella animada e como lição de enthusiasmo civico não ha leitura que a dê mais bella e salutar. Foi ella certamente um dos vidros de augmento através dos quaes se fizeram as suas visões da vida e que elle suppôs ter abandonado na velhice. Mas já vimos que não teve velhice senão imaginaria. Nos quarenta annos que viveu sob o Imperio teve companheiros ; com a Republica veio o isolamento e com elle o lazer para contar os passos dados no caminho da vida e dahi prever o fim proximo da jornada sem regresso.

Mas nunca se queixou ; não ha lamentos nas suas meditações.

As ultimas linhas do seu livro de memorias resumem lindamente as differentes maneiras de encarar a vida : « Olhei a vida nas diversas épocas através de vidros differentes ; primeiro, no ardor da mocidade, o prazer, a embriaguez de viver, a curiosidade do mundo ; depois, a ambição, a popularidade, a emoção da scena, o esforço e a recompensa da lucta para fazer homens livres (todos esses eram vidros de augmento) ; mais tarde, como contraste, a nostalgia do nosso passado e a seducção crescente da nossa natureza, o retrahimento do mundo e a doçura do lar, os tumulos dos amigos e os berços dos filhos (todos esses são ainda prismas) ; mas em despedida ao Creador, espero ainda olhá-la através dos vidros de Epicteto, do puro crystal sem refracção : a admiração e o reconhecimento . . . »

Como é curta a vida e exigua para a grandeza dos nossos pro-

grammas ! Não ha dez annos ainda, na Legação em Londres, elle, Ministro, vinha, buscando companhia amiga, sentar-se ao outro lado da minha mesa de secretario e juntos escreviamos, conversando a espaços, no socego da tarde nevoenta. Não eram letras o que faziamos, era *serviço*. Mas o leve que era aquelle serviço sob os seus olhos affectuosos ! De lembrar-me delles enturva-me a saudade agora os meus. E depois os passios conversados através da Londres da sua mocidade...

Joaquim Nabuco fica sendo para mim um grande passado (o dos meus vinte annos, da vida calada e intensa, cheia de paixões cerebraes, de odios generosos, por contraste com admirações ardentes), que sobrevive á minha mocidade, um passado que dura para dar prestigio ao presente e ensinar-lhe a lição do civismo incondicional, para mostrar aos feios e encolhidos a esthetica das attitudes de confiança e de orgulho. A sua actividade social foi tão precoce que o seu nome pertencerá a três gerações politicas e paira sobre nós como uma das nossas garantias moraes. Tivesse sempre o Brasil dèsses fiadores da continuidade do esforço, da solidariedade das gerações através da Historia...

Buenos Aires, 13 de Fevereiro de 1910

Domicio da Gama.
(Da Academia Brasileira).